

Fundação Champalimaud O Centro de Investigação para o Desconhecido junta pesquisa e tratamento de doentes

Lisboa quer liderar a corrida contra o cancro



O simbolismo do Centro de Investigação para o Desconhecido é grande. Sobretudo uma via pedonal precisamente em direção a esse desconhecido, porque não se sabe

Textos VIRGÍLIO AZEVEDO
Fotos ALBERTO FRIAS

Leonor Bezeza renasceu, está dez anos mais nova. O grande projeto da sua vida, o Centro de Investigação para o Desconhecido, da Fundação Champalimaud, onde vão trabalhar 400 cientistas nas áreas do cancro e das neurociências, foi parar às suas mãos de uma forma totalmente inesperada, porque a ex-ministra da Saúde era praticamente desconhecida de António Champalimaud. Mas ela abraçou a Fundação com um entusiasmo juvenil e uma energia surpreendente para os seus 61 anos de idade, que empurraram as memórias da sua carreira política para um passado muito distante.

De capacete amarelo, colete refletor laranja, calças de ganga e botas protetoras, Leonor Bezeza circula freneticamente pelos corredores dos dois edifícios — unidos por uma ponte de vidro — do Centro de Investigação para o Desconhecido, localizado em Pedrouços, na frente ribeirinha de Lisboa, onde prosseguem os trabalhos que vão permitir a sua inauguração numa data simbólica: 5 de outubro, precisamente nos 100 anos da República.

O simbolismo é, de facto, uma marca forte deste novo Centro. Charles Correa, 80 anos, o arquiteto indiano de origem

goesa que o projetou, fraturou uma perna numa queda quando visitava a obra, na semana passada, mas continua otimista e afirma que este complexo, onde foram investidos €100 milhões, “é uma oportunidade para celebrar um grande momento da história portuguesa, as Descobertas, e o local é perfeito para ligar o desconhecido em duas épocas, a de há 500 anos e a atual, onde se aposta na ciência”.

Correa acha que “o Centro vai ser muito visitado e poderá transformar-se num novo símbolo de Lisboa”, tornando-a mais competitiva a nível internacional, tanto em termos de arquitetura como de equipamento científico. Até porque “devolverá à cidade um local que se encontrava fechado e abandonado”, abrindo ao público um auditório ao ar livre, um lago, um passeio marítimo e jardins panorâmicos.

Ligar investigação ao tratamento

O complexo, que irá atender 300 doentes de cancro por dia, “é um dos poucos no mundo concebido de raiz para a chamada investigação translacional”, revela o arquiteto. Leonor Bezeza explica que se trata de um tipo de investigação científica que pode ser efetivamente aplicada à melhoria das condições de vida das pessoas, quer para ajudar a prevenir as doenças, quer a tratá-las, e que pressupõe uma grande proximidade entre a parte dos serviços clínicos e a parte de investi-

400 CONVIDADOS

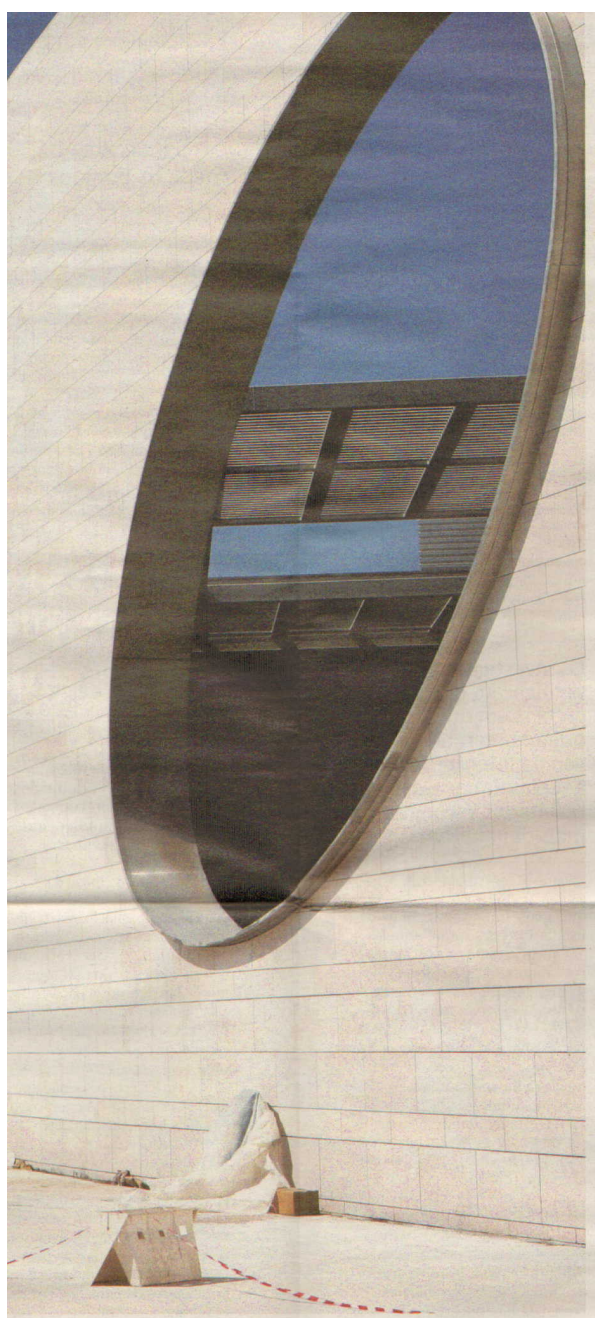
Inauguração do Centro a 5 de outubro

Três prémios Nobel — Susumu Tonegawa, James Watson e Amartya Sen — vão estar na inauguração do Centro de Investigação para o Desconhecido, a 5 de outubro. São esperados 400 convidados, incluindo muitos cientistas, a família Champalimaud, o Presidente da República, o primeiro-ministro, os ministros da Ciência, Saúde e Educação, e Celso Lafer, ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil. Haverá intervenções de Leonor Bezeza e de Cavaco Silva e a entrega do Prémio Visão António Champalimaud 2010 a William Newsome e Anthony Movshon (universidades de Stanford e de Nova Iorque, respetivamente), que serão apresentados por António Damásio.

gação. “Ou seja, os médicos que prestam serviços clínicos — de prevenção, diagnóstico e tratamento — são também investigadores”. O Centro tem dois pisos de assistência clínica e dois de laboratórios de investigação distribuídos à volta de um grande jardim tropical interior, “e a própria conceção do edifício principal corresponde a uma ideia de grande interação entre a parte clínica e a parte de laboratório”, sublinha Charles Correa.

Mas a investigação translacional irá acontecer para já na área do cancro, porque nas neurociências (relacionadas com o cérebro) a Fundação Champalimaud pretende manter-se apenas na investigação básica, uma decisão que está muito relacionada com o nível atual de conhecimentos nesta vastíssima área, que vai das doenças psiquiátricas às depressões.

Apesar de não ter camas para internamento, o centro de investigação é também um hospital, “porque os hospitais são cada vez mais sítios onde se faz o tratamento de situações agudas”, esclarece Leonor Bezeza. Com efeito, nos doentes de cancro mais de 90% do tratamento são feitos em ambulatório. Os internamentos serão, assim, feitos noutros hospitais com camas que tenham acordos com o Centro, mas sempre sob responsabilidade da Fundação Champalimaud. No futuro, como há uma área de expansão no terreno de 60 mil metros quadrados onde está implantado o complexo, poderá nascer um prolongamento do edifício



o que está depois das duas grandes colunas. A ciência atual procura desvendá-lo,

principal que permita fazer tudo, incluindo o internamento.

350 a 400 cientistas

No final de 2010, estarão a trabalhar em Pedrouços 100 investigadores e dez grupos de investigação, mas quando o Centro estiver a funcionar em velocidade de cruzeiro haverá 350 a 400 investigadores, incluindo muitos médicos, e 30 a 40 grupos de investigação. E vai aumentar o relacionamento com instituições congéneres, universidades e empresas nacionais e estrangeiras. "Temos um bom relacionamento com a generalidade das escolas de Medicina das universidades portuguesas e com algumas estrangeiras, porque estas universidades têm programas

semelhantes aos nossos, como acontece com o Programa de Neurociências", justifica Leonor Belezza. Aliás, foi por iniciativa deste Programa que já teve lugar o primeiro encontro ibérico nesta área.

A arquitetura do edifício principal também está concebida para incentivar os encontros, a interação entre cientistas, essencial para fazer avançar a investigação. Os corredores são largos e bem iluminados por luz natural, há espaços de comunicação e os gabinetes dos investigadores, com uma vista fantástica para o mar, têm portas e janelas de vidro transparente. A intenção é, como salienta o arquiteto Charles Correa, "criar um sentido de comunidade entre os cientistas".

E atrair mais. Raghu Kalluri, professor da Universidade de Harvard e diretor da área do cancro do Centro de Investigação para o Desconhecido, afirmava recentemente ao "The New York Times" que "temos visto cientistas regressarem dos EUA para a Índia e para a China, mas a mesma coisa poderá acontecer em Lisboa, porque este Centro é concebido para atrair os melhores do mundo".

Aparato tecnológico é também coisa que não falta. Foram investidos €10 milhões em equipamento médio e pesado. A maior atração é o acelerador linear, que custou €2,3 milhões e é usado nos tratamentos de radioterapia que necessitam de grande precisão, de modo a não atingir os tecidos sãos do doente.

vazevedo@expresso.imprensa.pt

**A ÁREA DA
QUIMIOTERAPIA
TEM UM JARDIM
PRÓPRIO E
PRIVACIDADE,
PARA DAR MAIS
CONFORTO AOS
DOENTES**



O auditório ao ar livre é uma varanda sobre o Tejo, um espaço público com ligação ao novo passeio marítimo para ser usufruído por todos os lisboetas



O gigantesco óculo em acrílico do auditório de 400 lugares foi fabricado por uma empresa japonesa, que se rodeou do maior secretismo na sua instalação



tal como as Descobertas, que marcaram este local há 500 anos

CANCRO EM PORTUGAL

40.301

doentes tiveram cancro em 2005. Os dados, dos três registos oncológicos regionais do país, são os mais atuais

5

tumores malignos (próstata, mama, cólon, traqueia/brônquios/pulmão e estômago) lideram nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve e Madeira, com um total de 9374 casos em 2005

53%

é a taxa de sobrevivência oncológica global entre a população portuguesa

25

mil mortes estão previstas para este ano no país

44

mil novos tumores malignos são as estimativas para 2010

7,5

milhões de pessoas morreram de cancro no mundo em 2008

Leonor Beleza Presidente da Fundação Champalimaud

“Portugal não tem barreiras à nossa ambição”



Leonor Beleza no terraço virado para o jardim tropical interior do Centro de Investigação para o Desconhecido, em Pedrouços

❑ Vamos ter em Lisboa um centro de investigação científica de excelência mundial?

❑ Evidente. É o ponto mais seguro do nosso projeto.

❑ E daqui poderão nascer prémios Nobel?

❑ Quando queremos fazer uma alusão à excelência extrema pensamos em prémios Nobel, mas vamos avançar com os pés bem assentes na terra. Queremos ter inicialmente — o que já está a acontecer — um número elevado de publicações em jornais científicos de grande prestígio. E que os nomes deste centro e dos nossos investigadores sejam cada vez mais reconhecidos a nível internacional.

❑ Qual é o peso dos cientistas portugueses e estrangeiros?

❑ É uma situação equivalente, 50%-50%. Este centro quer ir à procura dos melhores cientistas. Qual é a nacionalidade deles, o tipo de formação, a cultura de onde provêm, isso não é tão importante como a qualidade da ciência que vão fazer. Ninguém será escolhido pela nacionalidade.

❑ Este centro está a competir com quem?

❑ Entre os últimos investigadores que admitimos, a competição foi com um centro de neurociências de Viena e com uma universidade de Nova Iorque. E os três investigadores que neste momento vão entrar provêm todos da Universidade de Harvard. Estamos a competir com os centros mais exigentes e é aí que queremos ficar.

❑ Portugal está numa situação económica, financeira e social preocupante, mas na ciência está cada vez melhor. Como explica este paradoxo?

❑ A ciência tem a ver com o futuro e espero que isso queira dizer que o nosso futuro vai ser diferente, mas a abertura do centro de investigação da Fundação Champalimaud nesta altura foi uma coincidência no tempo. Investimos todas as nossas capacidades e todos os nossos recursos para fazer o melhor possível em Portu-

gal, tal como os melhores fazem em países mais avançados. Quando investimos bem os recursos, quando temos ambição e pomos muito esforço nos projetos, conseguimos fazer coisas bem feitas.

❑ Mas em Portugal há barreiras a essa ambição?

❑ Não há nenhuma maldição, nem nenhuma limitação, nem nenhuma barreira. Quando começámos este projeto e ainda não sabíamos muito bem como iríamos avançar, fomos à procura de cientistas, de gestores que tomam decisões de carácter científico no investimento de recursos, e das instituições mais avançadas, e várias pessoas de excecional relevo no âmbito científico recomendaram-me: 'Não limite de maneira nenhuma a sua ambição à ideia de que está num país como Portugal, coloque a sua ambição no que é mais elevado'. E hoje estou profundamente reconhecida a quem me deu estes conselhos. Uma das pessoas foi o Jim Watson, que está connosco nesta aventura (James Watson, prémio Nobel e presidente do conselho Científico da Fundação Champalimaud).

❑ Na Europa há muitas fundações como esta?

❑ Fundações privadas com fins exclusivamente científicos são raríssimas na Europa. Há uma fundação muito conhecida no Reino Unido, que é a Wellcome Trust, a mais importante fundação europeia e uma das mais importantes a nível mundial, dedicada somente a questões científicas. Mas na América do Norte são frequentes, até porque as fundações são muitas e os EUA têm uma tradição de filantropia muito forte.

❑ O centro de investigação é o grande projeto da sua vida?

❑ Com certeza.

❑ Não estava à espera que ele fosse parar às suas mãos?

❑ Não, é daquelas coisas que não podemos ambicionar, foi realmente uma aventura extraordinária que me aconteceu. Sou uma mulher com sorte.

O centro de investigação
custou €100 milhões e conta
receber 400 cientistas

FOTO ALBERTO FRIAS

Lisboa quer liderar combate ao cancro

**Centro de Investigação
para o Desconhecido, da
Fundação Champalimaud,
concebido para atrair os
melhores cientistas do mundo**

Aqui os investigadores são médicos e os médicos são investigadores. Por dia serão atendidos 300 doentes oncológicos, num complexo científico que aposta na excelência mundial. Juntará dezenas de grupos de investigação e é apontado como um novo símbolo de Lisboa. É inaugurado a 5 de outubro, à beira-Tejo. **120**

